

HEGENBERG, Leonidas; ANDRADE E SILVA, Mariluze Ferreira de (org.). *Métodos*. São Paulo: E.P.U., 2005. 223p. (ISBN: 85-12-79130-6).

No panorama filosófico brasileiro, Leonidas Hegenberg figura como um dos maiores pensadores da atualidade. Especialista em lógica e filosofia da ciência, a produção bibliográfica de L. Hegenberg é monumental e algumas de suas obras sobre estes assuntos são referências indispensáveis aos filósofos e intelectuais brasileiros. Graduado e pós-graduado em Filosofia e Psicologia, durante anos L. Hegenberg lecionou no célebre ITA (Instituto Tecnológico da Aeronáutica), onde se aposentou. Mariluze Ferreira de Andrade e Silva, que colabora com a organização da obra, é atualmente coordenadora do Laboratório de lógica e epistemologia da Universidade Federal de São João del-Rei e coordenadora das publicações periódicas do departamento de filosofia e lógica daquela Universidade, em particular da revista *Matanóia*: primeiros escritos em filosofia.

A obra *Métodos* divide-se em 23 capítulos, alguns absolutamente originais, abrangem conceitos, história e, progressivamente, vão se especificando, especializando-se cada vez mais. Vejamos.

Do capítulo primeiro ao capítulo oitavo, aprendemos o significado de "método" e a diferença entre métodos e técnicas, além de uma sucinta história do "método", principiando pela aporia socrática, a axiomática e indução aristotélicas, passando por pensadores antigos pouco estudados mas cuja relevância bem conhecemos como o geômetra Euclides, o que permite a Hegenberg, imediatamente após, investigar e.g. o matemático contemporâneo Giuseppe Peano (1858 – 1932) e suas reflexões sobre o método derivadas naturalmente de suas idéias matemáticas. Após um salto relativamente longo (toda Idade Média), o capítulo cinco apresenta as regras

do método em Descartes, avança por Bacon e Hume, detém-se mais sobre a Revolução Científica e o pensamento epistemológico de Galileu Galilei, para concluir com o pensamento sobre o método em Isaac Newton e os cinco métodos de John Stuart Mill. Em pouco mais de 60 páginas, é este o panorama histórico apresentado especialmente pelo principal organizador, Leonidas Hegenberg.

Os capítulos são curtos, os textos que figuram sob os intertítulos ainda mais breves, e a apresentação da obra não permite saber se esta característica era exatamente desejada. A questão é que fica sempre uma sensação de "só isso?!". Os rápidos textos, absolutamente didáticos, não raro em linguagem quase de um colóquio informal, prestam-se à composição de uma espécie de manual didático para consulta rápida, quicá para indicar a estudantes de graduação.

O conteúdo efetivamente interessante e certamente o ápice da obra surge com o capítulo nono. Nele, a co-organizadora Mariluze F. de A. e Silva estuda o método comparativo em teorias éticas. Esclarece que o referido método vale tão bem para a ética (campo em que tem sido ignorado) quanto para a religião, a antropologia e a literatura.

Flávio Hegenberg, no capítulo décimo, aborda alguns métodos utilizados nos estudos históricos. O capítulo vale mais pelas referências bibliográficas do que pelo conteúdo: demasiadamente sucinto e não faz mais do que repetir a maioria das considerações de Leonidas Hegenberg em uma obra sua que se tornou clássica: *Explicações científicas (1968)*, em que há toda uma parte em que o autor pensa os problemas especiais de epistemologia da história.

Os métodos em arqueologia são o objeto de análise de Maria Beltrão no undécimo capítulo. A especificidade do assunto torna-o no mínimo interessante e curioso. Enfocando o estudo das culturas, do

material lítico, ósseo e das representações rupestres, a autora do capítulo consegue, sem verdadeiramente chamar a atenção do leitor e, por que não dizê-lo?, enriquecer a obra.

Ficou a cargo de Creusa Capalbo, célebre especialista em fenomenologia, a responsabilidade de explicar o método fenomenológico no duodécimo capítulo. À despeito de ser, também, sucinto, a autora expõe com tranqüilidade e completude a matéria. Estão lá os inevitáveis temas da intencionalidade da consciência, a intuição e a essência e a redução transcendental.

Leonidas Hegenberg volta no tredécimo capítulo para falar do método dialético. Em exatamente quatro páginas e meia o autor elabora uma história do método dialético, estuda Kant e Hegel e conclui com Marx e Engels. Sem comentários.

Segue a obra com o método em psicanálise, de Mauro Hegenberg, pouco claro e portanto nada esclarecedor. Beira o jocoso.

Melhor exposto (e com um adendo interessante sobre a lógica modal) é o método dedutivo de Russel e Frege, o que é natural tendo-se em vista as filiações intelectuais do autor do capítulo, o próprio L. Hegenberg.

Temos uma boa descrição do método estatístico, com definições de amostra, probabilidades, dados qualitativos e quantitativos, hipóteses, etc. por Paulo Renato de Moraes no capítulo 16.

Novamente L. Hegenberg é quem retorna, entre os capítulos 17 e 20. Indubitavelmente os melhores do livro: com profundidade e clareza, analisa o Círculo de Viena, o pensamento de Popper e Kuhn, a atual lógica indutiva e o teorema de Bayes e finalmente o método hipotético-dedutivo segundo Carl Gustav Hempel (1905 – 1997).

O capítulo 21, de Marcos Botelho, mal alocado após os textos de L. Hegenberg, retomará as características básicas da ciência moderna (Renascimento, Bacon, Descartes e Newton), apontando para os desafios da ciência no século XXI.

O anarquismo metodológico de Feyerabend e o pensamento de Imre Lakatos são investigados no capítulo 21 por L. Hegenberg, ainda uma vez mais com precisão e didatismo, para o próprio Hegenberg, no capítulo 23, concluir com interessantes considerações gerais sobre a metodologia da pesquisa.

Além dos adjetivos já empregados pelo modesto autor desta resenha, só há que dizer, sem ser inédito, que a obra possui, evidentemente, seu mérito. Autores importantes, intelectuais experientes... mas não se pode deixar de apontar o descompasso entre os capítulos, a demasiada brevidade da grande maioria deles, o fato de a obra não ser mais do que aquilo que em nenhum momento os organizadores disseram aos seus leitores: uma simples, extremamente simples introdução à questão dos métodos. O livro não chega a ser desinteressante, como já anunciamos no início, mas não se pode pretender indicá-lo para além de graduandos principiantes.

Prof. Fabiano Stein COVAL
Faculdade de Filosofia